



OFICINA DE INTERAÇÃO E ESPAÇO NA ESCOLA ASSIS BRASIL: TRABALHANDO AS DIFERENÇAS EM SALA DE AULA

*BRUNA CITTADILLA¹
FERNANDA WINERT²
RAFAEL VERAS ZORZOLLI³
Dra. KARINA GIACOMELLI⁴

INTRODUÇÃO

O PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa ao estreitamento dos laços entre alunos e professores do ensino superior e as escolas do ensino básico, promovendo, assim, maior valorização da formação de professores.

Pensando nisso e procurando aprimorar didáticas interacionistas entre professores e alunos, o subgrupo do PIBID na escola Assis Brasil intitulado “Interação e Espaço”, inserido no projeto interdisciplinar A interação no contexto educacional: integrando alunos e escola, desenvolveu uma atividade na qual a interação pudesse ser alcançada por meio do diálogo e de atividades lúdicas, promovendo um ambiente de descontração, conhecimento e comunicação.

Atualmente, o que se pretende é que a escola busque desconstruir a crença em uma totalidade unitária, baseada em conceitos universais, mas encorajar a intuição, a emoção e a diversidade, procurando não transmitir nem trabalhar dentro de um único modelo de pensar, com conceitos universais e totalizantes, com valores eternos e imutáveis. Por isso,

(...) o objetivo de toda prática educativa – facilitar a reconstrução do conhecimento experiencial do aluno – não pode se entender nem se desenvolver sem o respeito à diversidade, às diferenças individuais que determinem o sentido, o ritmo e a qualidade de cada um dos processos de aprendizagem e desenvolvimento. (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.67).

¹ Universidade Federal de Pelotas – UFPel – Letras – CAPES – bruna.cittadella@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – UFPel – Letras – CAPES - nand.ehlert@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – UFPel – Música – CAPES - rafael.zorzolli@gmail.com

⁴ Dra. Universidade Federal de Pelotas – UFPel – karina.giacomelli@gmail.com



A escola precisa lidar com as novas formas de ser e de estar no mundo, entendendo os sujeitos e as instituições de agora, marcados por profundas mudanças, o que contribuiu para o surgimento de novas formas de organização social e mudanças na relação tanto sujeito-sujeito quanto sujeito-sociedade.

Segundo Giddens (2002), o processo de construção do homem resulta da sua interação consigo mesmo e com a realidade social, histórica e cultural. E, nessa perspectiva, a condição fundamental para existência do indivíduo é a aceitação e internalização da realidade exterior através das experiências mediadas, como a linguagem, a atividade e as relações sociais. A escola é, portanto, o lugar onde essas experiências são mediadas, o tempo todo e por vários anos. É um espaço rico em interações, no qual se entrecruzam valores, costumes, ideias e interesse. Nesse sentido, local propício à socialização e, conseqüentemente, promotora de subjetividade a partir de intersubjetividades.

Deste modo, a escola é um espaço importante por incentivar atividades em que cada aluno possa reconhecer suas particularidades e interagir com seus colegas, respeitando seus limites e suas diferenças. Isso contribui no desenvolvimento do aluno e influencia diretamente o seu dia a dia, transformando o ambiente escolar num local acolhedor, agregador e modificador.

Assim, nosso objetivo com a oficina é possibilitar que os alunos se identifiquem como pertencentes à escola e, por isso, agentes desse ambiente, a fim de melhorar a interação na escola, levando-os, portanto, a sentirem-se integrados tanto aos colegas com quem se relacionam de diferentes modos quanto ao espaço em que convivem.

METODOLOGIA

Os bolsistas se apresentaram e pediram que os alunos se apresentassem, dizendo nome, idade. Passou-se, então, a primeira atividade, denominada “Quebra-gelo”, na qual foram questionados se estão acostumados a sentarem-se onde sentam e o motivo de ser nesse lugar. Em seguida, os bolsistas pediram aos alunos que mudassem de classe, sendo que eles foram conduzidos a buscarem lugares na sala diferentes daqueles aos quais estão acostumados. Logo após se acomodarem, foram questionados acerca de como se sentiam -



diferentes, do mesmo modo, desconfortáveis, etc - e o que mudou pelo fato de estarem em outro espaço, ainda que na mesma sala, para que começassem a pensar na ideia de “o que muda quando mudamos de lugar” pelo viés literal. Para introduzir a segunda atividade, os pibidianos fizeram perguntas tais como: “Vocês acham que são muito diferentes das outras pessoas que estão aqui?”; “O que vocês acham que é diferente?”; “O que é parecido?”; “Vocês já pararam para ver se vocês tem algo em comum?; “ Vamos conferir?”

Na segunda atividade, foi usado um pedaço de fita adesiva pra fazer uma linha vertical no meio da sala, no chão. Os alunos ficaram dispostos dos dois lados da linha. Em seguida, responderam a uma série de perguntas cujas respostas seriam sim ou não. Aqueles alunos cujas respostas foram sim passaram para cima da linha. O processo se repetiu a cada pergunta. As perguntas das oficinas são feitas englobando os seguintes temas: local onde mora; locomoção; moradia; religião; música; a escola; comida; internet; faculdade e profissões. Ao final dos questionamentos, foi aberto um espaço para que os próprios alunos fizessem perguntas que lhes interessassem e, ao longo da aplicação das oficinas em turmas diferentes, o questionário foi mudando, procurando se adequar a cada novo grupo para o qual era apresentado. Após responderem a cada pergunta, os estudantes voltavam para o lado da linha.

Para finalizar, no fechamento, foi solicitado aos alunos que voltassem às classes e que fizessem uma lista de cinco coisas em comum e cinco diferentes sobre o colega ao lado, considerando o observado na atividade. As folhas com as considerações foram recolhidas pelos pibidianos que as socializaram com a turma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas ainda estão sendo realizadas, semanalmente, sempre em uma turma diferente, contemplando todos os anos finais do ensino fundamental. O que já foi percebido é que muito dos pontos de vista dos alunos sobre suas diferenças e a impressão de que eles tinham pouco em comum estão sendo desconstruídos, pois a cada pergunta eles conhecem mais sobre os colegas que não consideravam tão próximos, percebendo que eles possuem muitas semelhanças, desde o lugar de onde vêm, os lugares que gostam de frequentar, preferências musicais e objetivos futuros.



A oficina tem sido adaptada em cada turma, pois são alunos com idades diferentes – os dos anos finais do ensino fundamental, por exemplo, acham algumas perguntas infantis para sua idade. Tal mudança leva-nos a entender que cada grupo precisa de um trabalho específico e um planejamento cuidadoso, o que contribui para entendermos a dinâmica escolar e a necessidade de se pensar em como tratar o tema especificamente. Assim, conseguimos trabalhar e discutir assuntos mais sérios dentro da sala de aula, mas não tirando a essência da oficina planejada inicialmente.

Ao criar um vínculo maior com a prática de sala de aula, começamos a perceber que as oficinas ficavam menores, devido à nossa facilidade de lidar com as turmas. Isso nos fez aumentar o número de questões desde a primeira oficina aplicada e, conseqüentemente, conseguimos colocar mais uma atividade para finalização, criando ainda uma atividade extra para estarmos preparados no caso de a oficina ficar ainda mais dinâmica e rápida.

CONCLUSÕES

Através das oficinas realizadas até o momento, concluímos como positivo o trabalho realizado, tanto em relação à turma, quando à forma como o grupo de pibidianos tem se inserido no ambiente escolar periodicamente, aumentando, assim, sua experiência em sala de aula por meio do contato com a realidade escolar da rede pública.

Dessa forma, a oficina tem realizado seu propósito de trabalhar o espaço para promover uma maior interação entre os alunos, mostrando-lhes que é possível conviver com a diferença, já que esta, muitas vezes, diz respeito a algum aspecto específico apenas.

Também foi dada ênfase ao trabalho interdisciplinar dentro da sala de aula, fazendo uma relação maior entre os licenciandos de diferentes áreas, uma vez que a oficina é realizada por alunos dos cursos de graduação em Letras – Português, História e Música, promovendo, portanto, o diálogo entre as áreas. As oficinas mostram que o trabalho interdisciplinar realizado na escola tem sido muito bem sucedido, tanto dentro da sala de aula, na prática com os alunos, quanto na formação dos bolsistas, que percebem a importância do trabalho interdisciplinar e o impacto positivo dentro da sua formação e o seu pensar pedagógico.



Palavras Chave: Interdisciplinariedade. PIBID. Escola. Educação. Diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PÉREZ GOMEZ, A. I. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.